

FRIENDS OF THE JAGUAR

AMIGOS DA ONÇA

NO PANTANAL, UM PROJETO DE PRESERVAÇÃO DA ONÇA-PINTADA COMEÇA A PROMOVER SAFÁRIS FOTOGRÁFICOS NOS MOLDES DOS QUE ACONTECEM NAS RESERVAS PRIVADAS SUL-AFRICANAS

IN THE PANTANAL, A CONSERVATION PROJECT WORKING TO PROTECT THE JAGUAR OFFERS PHOTOGRAPHIC SAFARIS SIMILAR TO THOSE THAT TAKE PLACE IN PRIVATE RESERVES IN SOUTH AFRICA

TEXTO/TEXT CINDY WILK



E EM JANEIRO DESTA ANO, CHUVA, UMA BELA FÊMEA DE 6 anos e 85 quilos, é vista andando com o macho Brazuca. Dúvida (literalmente) cruel: cadê sua filha, Garoa? Suspeitou-se que o macho poderia ter dado cabo dela para, geneticamente, dominar o pedaço. Dias depois, alívio. Mãe e filha passeiam tranquilamente, mas Chuva não sossega e rende-se aos encantos de Fantasma, um dos maiores machos da região, de 120 quilos, com quem é vista acasalando e, novamente, sem a pequena Garoa. Será que com apenas 1 ano de idade a cria já se tornou independente? Ainda não, vê-se mais tarde. Já em março, as duas são flagradas novamente juntas, mas, dessa vez, em situação inédita: dividindo a mesma carcaça com Esperança e sua filha, Natureza. Mas o que duas onças adultas, animais normalmente solitários, estariam fazendo nessa festinha de comadres?

Acompanho esse reality show da natureza desde outubro do ano passado, quando me vi num 4x4 com pintura de oncinha guiado por um ex-piloto de Fórmula Indy que levava no banco do passageiro um ex-guia de natureza selvagem do sul-africano Kruger Park. Não sei se o fato de estar no meio do Pantanal, a 230 quilômetros de Campo Grande, fazia a situação mais ou menos insólita. Talvez mais, já que passeios de observação de natureza selvagem ainda engatinham no Brasil. Em Botsuana, na África, safáris são a segunda fonte de renda nacional; em Uganda também, mesmo girando só em torno de um animal: o gorila. E o Brasil, de tão rica fauna, ainda tem a cereja do bolo. Vivem aqui mais da metade de todos os exemplares do maior felino das Américas: a onça-pintada.

Foi esse animal lindo que uniu os moços do banco da frente do 4x4 de oncinha. Mario Haberfeld, o ex-piloto, largou o automobilismo há quatro anos e resolveu se dedicar à paixão que nutre pelos animais desde menino, quando foi com o pai à África, para onde retorna anualmente. Numa dessas viagens, há cerca de dez anos, conheceu o ex-ranger zimbabuano Simon Bellingham, que hoje mora na Cidade do Cabo, toca uma agência especializada em observação de mamíferos mundo afora e coleciona experiências como essas como se fossem figurinhas premiadas. Para completar o álbum faltam dois animais: o leopardo-das-neves e a baleia-azul.

Decidiram, então, implantar no Brasil o Onçafari, um projeto de conservação baseado no ecoturismo, nos moldes das reservas privadas sul-africanas vizinhas ao Kruger Park, como Sabi Sands. Para o turista, é a chance de curtir um safári fotográfico como os de lá. “Dois ou três dias na África são garantia de observar um leão, mas não há lugar no mundo para ver com certeza uma onça-pintada”, diz Mario. Para o pantaneiro, a longo prazo, é bom. Em Sabi Sands,

FOTO: FERNANDA PRETO



VIVEM NO BRASIL MAIS DA METADE DOS EXEMPLARES DO MAIOR FELINO DAS AMÉRICAS: A ONÇA-PINTADA

MORE THAN HALF OF ALL OF THE LARGEST FELINES IN THE AMERICAS, THE JAGUARS, LIVE IN BRAZIL

In January of this year, Chuva, a beautiful, 6-year-old, 187-pound [85 kg] jaguar, is spotted walking with a male, Brazuca. But her daughter, Garoa, is nowhere to be seen. It was suspected at first that the male might have put an end to her in order to maintain his genetic dominance. But a few days later, relief comes: mother and daughter are found walking together. Still, Chuva moves on to another male, Fantasma, one of the largest males in the region, at 265 pounds [120 kg]. The pair is discovered mating, and there's no sign of Garoa. Could it be that Garoa, at just one year old, has become independent? Not yet. The mother-daughter pair is spotted again in March, but this time in unusual circumstances: sharing a carcass with Esperança and her daughter, Natureza. What are these two adult jaguars – usually a solitary species – doing at this little social gathering?

I've been following this wildlife version of reality show since October of last year, when I set out on a leopard-print 4x4 driven by an ex-Formula Indy racer and with a former guide from South Africa's



FOTO: FERNANDA PRETO

Ao lado, Mario Haberfeld (à esq.) e o veterinário Joares May seguem pistas dos felinos através de carcaças ou por sinal de GPS. Acima e na pág. ao lado, o bucólico pôr do sol pantaneiro

Side photo, Mario Haberfeld (left) and veterinarian Joares May track the felines by following carcasses or GPS signals. Above and on the side page, the bucolic sunset in the Pantanal

FOTO: ADRIANO GAMBARINI



tudo começou há 30 anos em uma fazenda de gado, como as do Pantanal, ao seguirem uma fêmea de leopardo até ela se acostumar à presença de carros, hábito assimilado por seus filhotes e assim por diante. O passo seguinte foi a inauguração de um hotel chamado Londolozzi. “O ex-pecuarista viu que o lodge dava mais lucro e, 15 anos depois, a região inteira estava fazendo o mesmo. Queremos provar, aqui no Pantanal, que a onça viva vale mais do que morta.”

O lugar escolhido para começar o projeto foi o Refúgio Ecológico Caiman, a fazenda de 53 mil hectares do empresário Roberto Klabin – fundador e presidente da SOS Mata Atlântica e da SOS Pantanal. Ali já funciona um hotel de luxo, com 11 suítes na sede, normalmente fechadas para grupos, e mais duas vilas privadas (uma com 6 e outra, 7 suítes). Hoje, 20 câmeras instaladas pela propriedade acompanham (e estudam) o movimento dos – até agora catalogados – 14 felinos adultos e 4 filhotes. Uma equipe que inclui três biólogos e guias especializados, supervisionada pelo ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade) e

Kruger Park in the passenger seat. I don't know if the fact that I was in the middle of the Pantanal – about 143 miles [230 km] from Campo Grande – made the situation more or less extraordinary. Maybe more, since such trips into the wild are still barely getting started in Brazil. In Botswana, Africa, safaris are the second largest source of national income; in Uganda this is also the case, even though tours there revolve around just one animal: the gorilla. And Brazil, with its diverse fauna, has the icing on the cake: more than half of all of the largest felines in the Americas – the jaguars – live here.

It was this beautiful animal that brought the boys in the front of the leopard-print 4x4 together. Mario Haberfeld, the former racer, gave up driving four years ago and decided to dedicate himself to pursuing the passion for animals that he's felt since he was a child, when he went to Africa with his father. He returns to Africa once a year and, on one of those trips, about 10 years ago, he met the Zimbabwean ex-ranger Simon Bellingham, who now lives in Cape Town, where he manages an agency specializing in wild animal

pelo Cenap (Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos e Carnívoros), passa horas ao dia trabalhando no projeto. Durante a época de seca, de junho a setembro, quem estiver hospedado na fazenda poderá acompanhá-la. Neste ano, dois trackers – guias que seguem o rastro de animais – virão da África para treinar a equipe brasileira.

“Pegamos uma fêmea no campinho!” A voz do veterinário Joares Adenilson May Júnior funciona como o apagar da última luz vermelha de um grid de largada. Mario, o piloto, acelera nas pistas de barro e dispara. Eu e a fotógrafa Fernanda Preto nos seguramos como podemos. Em alguns minutos, lá está ela.

Era temporada de “captura” – no bom sentido. Esperança, aquela que confraternizava com Chuva no começo da história, havia caído numa

watching around the world and collects “spottings” as if they were trophies. All that’s missing to make his trophy case complete are two spottings: the snow leopard and the blue whale.

So the two decided to set up Onçafari – a conservation project that relies on ecotourism, much like tours set up in private reserves bordering Kruger Park, like Sabi Sands – in Brazil. For tourists, it’s a chance to enjoy a photographic safari like those in Africa. “Two or three days in Africa are enough to guarantee a lion spotting, but there’s nowhere in the world where one can guarantee a jaguar sighting,” says Haberfeld. For those who live in the Pantanal, this is good in the long run. In Sabi Sands, it all started 30 years ago on a cattle farm, like the ones in the Pantanal. The owners followed a leopard around until she got used to the presence of cars, and her offspring also grew accustomed, and so on. The next step was the opening of a hotel called Londolozí. “The ex-farmer saw that the lodge gave him greater profits and, 15 years later, the entire region was doing the same thing. Here in the Pantanal, we want to prove that a live jaguar is more valuable than a dead one.”

The spot chosen to start the project is the Caiman Ecological Refuge, a 53,000-hectare farm owned by businessman Roberto Klabin, founder and president of SOS Mata Atlântica and SOS Pantanal. On the grounds, there is already a luxury hotel with 11 suites, normally reserved for groups, and two private villas (one with 6 suites and the other with 7). Today, 20 cameras installed on the property follow and study the movements of 14 cataloged adult felines and 4 cubs. A team that includes three biologists and specialized guides, accompanied by ICMBio (Chico Mendes Institute for Biodiversity Conservation) and Cenap (National Center for Research and Conservation of Mammalian Carnivores), spends hours each day working on the project. During the dry season, from June to September, those who are staying at the site can follow the study. This year, two trackers will come from Africa to train the Brazilian team.

A ÉPOCA BOA PARA
VER ONÇAS É A
SECA PANTANEIRA
THE DRY SEASON
IS THE BEST TIME
TO SEE THE JAGUAR



Além dos safaris, o projeto idealizado por Mario e Simon (à dir.) tem um braço educativo que começa na escola da própria fazenda Caiman

Along with safaris, the project created by Haberfeld and Bellingham (right) has a component of education that takes place in the school on the farm Caiman

FOTOS: FERNANDA PRETO

SERVIÇO / INFO


Por enquanto podem participar do Onçafari hóspedes do Refúgio Ecológico Caiman (tel. 11/3706-1800, caiman.com.br) durante a alta temporada, que vai de 2 de junho a 9 de setembro. Acompanhe em facebook.com/projetooncafari / Currently Onçafari has regular departure times for guests of the Caiman Ecological Refuge (tel. 11/3706-1800, caiman.com.br) during high tourism season, which starts June 2nd and runs through September 9th. You can also follow the project at facebook.com/projetooncafari



das dez armadilhas espalhadas pela propriedade. Anestesiada, foi cuidadosamente carregada para uma sombra, onde Joares colheu várias amostras clínicas para levar ao laboratório. “A saúde das onças, que são o topo da cadeia alimentar, indica como está todo o ecossistema”, explica. Depois disso, foi colocado em Esperança um colar com GPS, que cai automaticamente em um ano. Ele serve tanto para localizá-la a fim de fazer a habituação como para entender melhor o tamanho de seu território e seus hábitos.

Uma gralha assustada ralha. “Ela está nos contando que o filhote está por ali”, diz Simon apontando para uma moita próxima. Não dá para falar que é algo tranquilo estar ao lado de uma onça-pintada de quase 100 quilos, sabendo – agora – que a nem tão pequena Natureza está a poucos metros. “Mas ela está calma”, jura o ranger.

Depois dessa experiência incrível, saímos mais algumas vezes – noite e dia – para encontrar a turma acordada. Seguimos pegadas de onça, carcaças de antas, sinais de GPS. Encontramos tamanduás-bandeira, assustadores bandos de queixadas, capivaras, cotias, jacarés, quatis, bugios, antas, cervos, desengonçados tuiuiús, lindas araras-azuis. “A onça-pintada é o grande prêmio, mas queremos que as pessoas cheguem aqui e descubram que o Pantanal tem muito mais que isso”, ressalta Simon com uma empolgação quase juvenil. No dia do meu retorno, recebo a foto que ilustra esta reportagem: belo clique de Esperança feito pelo fotógrafo Adriano Gambarini, que permaneceu por ali depois de nós.

Meu safári, agora virtual, continua. Vez ou outra revejo Esperança – em fotos e vídeo – na página do projeto no Facebook. “Ao chegar a uma comunidade na Amazônia, você não quer que um guia aponte alguém e diga: fêmea, 40 anos. Você quer saber a história daquela pessoa. O mesmo ocorre com a onça. Todos querem entender quem é aquele animal, como se comporta, qual é o seu espaço na natureza”, destaca Simon. “Conservação é emocional.” Curti. 

“We found a female in the field!” The voice of the veterinarian Joares Adenilson May Júnior has the same effect as turning off the last red light of a starting grid. Habermfeld, the driver, accelerates over the mud roads and gains speed. Photographer Fernanda Preto and I hold on for dear life. In a few minutes, there she was.

It was “capture” season – in the good sense. Esperança, the jaguar who was socializing with Chuva in the beginning of the story, had fallen into one of 10 traps set up around the property. Sedated, she was carefully taken into the shade, where May Jr. took a variety of clinical samples to take to the laboratory. “The health of jaguars, who are at the top of the food chain, is representative of the health of the ecosystem,” he says. Afterwards, a GPS collar was placed on Esperança. The collar, which will fall off automatically in a year, serves to locate her both to help the process of habituation and also to study the size of her territory and her habits.

A scared crow cries. “She’s telling us the cub is somewhere around,” says Bellingham, pointing at some shrub. I can’t say it’s not nerve-racking to be next to a 220-pound [100 kg] jaguar, knowing – now – that the not-so-little Natureza is nearby. “But she’s calm,” the ranger claims.

After this incredible experience, we went out a few more times – both night and day – to see whoever was awake and stirring. We followed jaguar tracks, tapir carcasses, GPS signals. We came across giant anteaters, frightening bands of peccaries, capybaras, agoutis, alligators, coatis, tapirs, howler monkeys, deer, clumsy jabirus, gorgeous blue macaws. “The jaguar is the main attraction, but we hope people will come here and realize there’s a lot more to the Pantanal than just that,” says Bellingham, with nearly childlike enthusiasm. On the day I returned home, I received the photo printed in this article: a beautiful snapshot of Esperança taken by photographer Adriano Gambarini, who stayed there after I left.

My safari, now virtual, continues. Every once in a while I see Esperança again – in photos and videos – on the project’s Facebook page. “When you arrive in a community in the Amazon, you don’t want a guide to point to someone and say ‘female, 40 years old; you want to know that person’s story. The same is true with the jaguar. We all want to know who that animal is, how it behaves and what its place in nature is,” says Bellingham. “Conservation is emotional.” I like that. 